



2018/09/30

Os EUA nas Nações Unidas

Alexandre Reis Rodrigues

O discurso do presidente Trump na Assembleia Geral das Nações Unidas confirmou que está em curso uma mudança radical na política externa dos EUA.



Vai muito para além das alterações que começaram a verificar-se na administração Obama, com o início de um processo de retraimento estratégico, concebido para reduzir o papel dos EUA na gestão da estabilidade no mundo, linha que vários intelectuais americanos defendem dever ser continuada e aprofundada.

É um caminho novo nos processos, no caminho escolhido e no modelo que se pretende alcançar. Ou seja, em quase tudo. Trump, de facto, faz muitas diferenças em relação ao seu antecessor. A mais radical respeita ao posicionamento frente às grandes organizações internacionais. Obama tentou usá-las para integrar países como a China na ordem internacional, procurando que se tornassem atores responsáveis e ativamente comprometidos com a estabilidade no mundo. Não conseguiu progressos dignos de registo mas também não “agitou” o relacionamento internacional, como Trump tem feito.

Trump culpa as organizações internacionais de inaceitável interferência na soberania americana, e responsabiliza-as como agentes de uma “governança global” que apenas tem prejudicado os EUA. Trump leva o objetivo de retraimento estratégico para o extremo de dizer que não é “presidente do globo” e rejeitando a “ideologia do globalismo” para defender a “doutrina do patriotismo”. Os termos e linguagem que usa podem ser os que a sua base eleitoral espera, mas acrescentam dificuldades quase intransponíveis de aceitação das suas ideias em quase todos os campos, inclusivamente em setores do seu próprio partido.

Não é provável que esta situação se desenvolva diferentemente no futuro próximo. Trump, embora sendo o primeiro responsável pela perturbação política que a sua postura está a causar, não está obviamente sozinho. As alterações que se têm verificado no seu círculo próximo mostram um reforço da linha de pensamento mais radical, com a entrada de John Bolton, Mike Pompeo, com a manutenção de Stephen Miller¹ e pelo apagamento parcial de Nikki Haley, que, como embaixadora nas Nações Unidas, estava associada a uma postura mais moderada e colaborante com o secretário geral das Nações Unidas.

Não obstante estes sinais, entre aliados e amigos dos EUA há muitos que ainda se interrogam se estamos perante uma mudança que veio para ficar, para além do (ou dos) mandatos de Trump, ou se, pelo contrário, se trata de uma situação reversível

¹ Ativista político da extrema direita, responsável pela conceção da política migratória de Trump.

subsequentemente. Timothy Garton Ash, na qualidade de colunista do Guardian, não tem dúvidas. O chamado "atlanticismo" americano tem vindo a diminuir há já algum tempo, continua a diminuir e vai permanecer nessa tendência no futuro.

«Trump is awful, but in this respect, he is as much symptom as cause. The problem of transatlantic divergence was there before Trump, has underlying causes deeper than Trump, and will still be with us after Trump»

Garton Ash não diz nada que não se receia há já bastante tempo. Aliás, foi sob esta percepção e a correspondente necessidade de a Europa ganhar autonomia estratégica que foi lançada a iniciativa de elaboração de uma nova estratégia europeia, adotada em junho de 2016 por proposta de Frederica Mogherini ("Global Strategy for the European Union' Foreign and Security Policy"), sobre um mandato que lhe tinha sido dado em dezembro de 2013.

Embora o caminho tenha ficado definido com a adoção desse documento, não tem sido minimamente percorrido. Parece permanecer, entre os líderes europeus, a esperança que no relacionamento transatlântico tudo voltará aos "bons velhos tempos" de uma relação sem problemas, depois de Trump. Muito pouco provável. Quem quer que venha a seguir vai ter que se mostrar mais empenhado em melhorar as infraestruturas internas - seja ou não um presidente internacionalista ou nacionalista - do que envolver-se em empreendimentos externos que a elite política pode apoiar mas não o povo americano, que se mostra cansado de disputas intermináveis e inconclusivas (Afeganistão, por exemplo, Iraque, etc.).

«The 2016 election has been widely read as a populist revolt, with average Americans rising up to reject the political elite, particularly on issues of immigration and trade.»

O *Chicago Council on Global Affairs*, que é presidido por Ivo Daalder (ex-embaixador dos EUA na NATO, durante a administração Clinton), não faz a leitura da situação que acima se resumiu. Baseando-se numa sondagem recente, concluiu que os americanos não aderiram à política "America First" e que, ao contrário do que defende Trump, a maioria quer ver os EUA empenhados ativamente na governação do mundo, na permanência dentro dos grandes acordos internacionais, no comércio mundial, etc.²

No contexto de luta política interna entre republicanos e democratas, estas constatações são, certamente, um sinal de que as pressões aumentarão para uma maior moderação no posicionamento externo dos EUA. Calcula-se, no entanto, que não chegarão para concluir que a política de "retraimento estratégico" vai ser abandonada ou "aliviada". A Europa vai ter que se manter pronta para não permitir que os "vazios" resultantes do afastamento dos EUA não põem em causa os seus interesses e segurança.

² Alguns exemplos resultantes de uma recente sondagem. A NATO é essencial para a segurança dos EUA, dizem 69% dos americanos (eram 65% em 2016). Cerca de 59% pensa que os aliados devem ser convencidos a fazer mais por meios diplomáticos e persuasão. A forma como tem funcionado o comércio internacional é boa para os consumidores (segundo 78%), bom para as empresas (72%) e bom para a criação de emprego (57%). As atuais políticas prejudicam mais do que protegem os trabalhadores (41% e 32% respetivamente).